

Ílhavo

Vista Alegre

Um passeio por 200 anos de histórias, do cantinho dos reformados ao Talé

A história da fábrica de porcelana que está a comemorar o seu bicentenário também aparece contada nas ruas do seu bairro operário, no quartel de bombeiros privativo e até mesmo num relvado de futebol. *Maria José Santana (texto) e Adriano Miranda (fotografia)*

● Naquela tarde, ainda era o cenário do mundo mágico de Peter Pan que se erguia em cima do palco, mas não tardará muito e a Terra do Nunca dará lugar a uma peça inédita e carregada de história. “Será um espectáculo alusivo ao bicentenário da Vista Alegre”, anuncia Diogo Lau, vice-presidente do Grupo de Teatro Ribalta, colectividade cuja história se funde com a da própria fábrica de porcelana. O guião já está escrito, garante, recusando-se a adiantar mais pormenores sobre a peça que tem estreia prevista para Julho, por ocasião das festas do lugar onde, em 1824, José Ferreira Pinto Basto criou a primeira unidade industrial dedicada à produção da porcelana em Portugal. Por ora, a narrativa permanecerá no segredo dos deuses, encerrada dentro daquele teatro cuja origem remonta a 1826 - precisamente dois anos após a fundação da fábrica -, mas não será descabido imaginar

que não faltarão figuras ao enredo. Afinal de contas, a história da Vista Alegre foi-se construindo com as (muitas) pessoas que sempre giraram à volta dela e cujo novelo de memórias parece não ter fim.

Aquele passeio pelas ruas e largos do bairro operário não deixou margem para dúvidas. Ao património material, marcado pelas finas peças de porcelana e pelas pinturas dos antigos mestres da Vista Alegre, junta-se também um vasto património imaterial, parte dele contado na primeira pessoa. E com uma boa dose de romance pelo meio. “Começamos a namorar naquele muro”, testemunha Duarte José, de 63 anos. A mulher, Margarida Marieiro, de 60 anos, corrige-o: “Primeiro foi à janela. O muro já foi mais à frente.” O destino parecia estar traçado para aqueles jovens nascidos e criados no bairro operário da Vista Alegre. “Comecei a receber cartas anónimas

e um dia descobri que era ela por causa do caderno”, revela Duarte José. Casaram-se em 1989, têm um filho de 33 anos e, segundo nos conta Margarida, ainda guardam as cartas que os uniram para sempre.

Moradores e simultaneamente trabalhadores da Vista Alegre, Duarte e Margarida aceitaram guiar a Fugas por um passeio ao longo das ruas que dão acesso às casas brancas, com embasamento e molduras amarelas, e entre as quais está a sua própria habitação. “As casas eram atribuídas aos funcionários consoante os cargos e o agregado familiar”, contam-nos, na altura em que nos aproximamos da casa do “engenheiro”, onde a mãe de Margarida trabalhou como ama. Ao lado, há uma árvore que nos entra pelos olhos adentro. Trata-se de uma bela-sombra com um perímetro de cerca de 11 metros e já devidamente classificada. “Se esta árvore falasse...”,





Um passeio pelas ruas e largos do bairro operário mostra que ao património material se junta também um legado imaterial, parte dele contado na primeira pessoa. À esquerda, Duarte José e Margarida Marieiro, nascidos e criados na Vista Alegre



desabafa Margarida, num certo tom saudosista. O que diria? “Era aqui que brincávamos e gravávamos as iniciais do nosso nome e o das namoradas. Coitadinha da árvore”, revela Duarte José.

Namoricos à parte, se há coisa que esta *Phytolacca dioica* poderia contar caso falasse era a sua data exacta. “Dizem que ela tem uns 200 anos, mas não é verdade”, assevera Berta da Rocha Antunes, que vive ali mesmo em frente e viu plantar a belsombra. “Vim para esta casa com cinco anos e agora tenho 85, portanto, é impossível a árvore ter mais de 100 anos”, sustenta esta moradora e antiga trabalhadora da Vista Alegre. “Fui trabalhar para a fábrica aos 12 anos”, realça. Decidiu ir estudar à noite e obter formação nas áreas de comércio e dactilografia, o que lhe abriu a porta a trabalhar como escriturária. “Na altura do 25 de Abril, estava nos serviços comerciais. De

repente, as pessoas começaram a comprar muita louça. Passaram a ter dinheiro”, recorda.

Casas com gente dentro

Retomamos o passeio, em sossego quase absoluto. Por aquelas ruas, parte em terra batida, é raro ver um carro. “Não há sítio igual a este”, exalta Duarte José, enquanto caminhamos. Volta e meia, destaca uma casa, para nos apresentar a uma figura daquele lugar. “Aqui era a casa da assistente social da fábrica, que tratava das coisas quando os trabalhadores estavam doentes e, em simultâneo, era directora da creche”, testemunha. Na memória estão, ainda, retidas lembranças “do senhor Antero, a quem chamavam bilharaço”; “da Clarinha, que no sábado da festa gostava de ir recitar os poemas enormes que escrevia”; e do “enfermeiro Campos, que fazia sempre uns

curativos exagerados”, enumera. “Uma vez levei com uma pedra, numa brincadeira de miúdos, mas ele ligou-me a cabeça toda”, exemplifica Duarte José.

Vamos dar à Fonte dos Amores, chafariz bem mais recente (1923) do que a famosa Fonte do Carapichel, mandada construir em 1696 - ou seja, bem antes da criação da fábrica - e que está agora integrada no Hotel Montebelo. Mais uns passos e alcançamos um pequeno largo, com umas mesas e bancos de madeira. “Chamam-lhe o cantinho dos reformados”, introduz Duarte José, que é um dos mais recentes frequentadores habituais daquele espaço. Naquela tarde, o sol facilitava o convívio. Fernando Rocha, Raul Santos, Mário Fradinho e Vítor Morgado cumpriam o ritual de sempre, juntando-se para “conversar, contar histórias, algumas enormes que escrevia”, anunciavam, com humor.

Volta e meia, vêm à baila episódios dos anos que passaram a trabalhar na fábrica da Vista Alegre ou dos tempos de lazer. “Eu vivi naquela casa de madeira que está junto à água mais de 50 anos. Até dava para apanhar robalos da cama”, conta Fernando Rocha. “A ria era a nossa piscina, nas férias grandes. E já éramos uns rapazes muito avançados, pois já fazíamos banhos de lama”, acrescenta Duarte José, confessando que, depois de irem a banhos, era comum fazerem “assaltos ao pomar da Quinta da Vista Alegre para matar a fome”.

O rol de memórias contempla ainda histórias ligadas ao clube de futebol, ao corpo de bombeiros e ao grupo de teatro, atendendo a que muitos trabalhadores estiveram (ou estão ainda) ligados às colectividades e serviços nascidos fruto da iniciativa do fundador da fábrica - José Ferreira Pinto Basto criou uma verda- →

Ílhavo

deira comunidade à volta da unidade industrial. “Eu ainda joguei no grupo desportivo da fábrica. Em 1952 é que mudou para Sporting Clube da Vista Alegre”, conta Fernando. Na época, “a equipa treinava à terça e à quinta, de manhã, antes de entrar ao serviço na fábrica”, recorda o antigo atleta.

Um teatro quase bicentenário

Enquanto não surge a nova peça do Ribalta (a tal, alusiva à história da Vista Alegre), resta-nos apreciar a beleza da sala de espectáculos quase bicentenária. Acredita-se que o primeiro teatro tenha sido construído em 1826 - com o intuito de proporcionar uma vivência cultural aos trabalhadores da fábrica - e que a primeira peça ali representada foi o *Gallego de Lorpa*, com a encenação de Domingos e Duarte Ferreira Pinto Basto. Destruído pelas chamas, esse primeiro edifício deu lugar a um novo, em 1851, tendo sofrido, ao longo de todo este tempo, várias remodelações. A última delas aconteceu em 2014 e veio devolver-lhe todo o esplendor, permitindo, inclusive, recuperar uma pintura da autoria de Palmiro Peixe, que esteve tapada por uma parede de pladur.

Margarida Marieiro conhece bem os cantos à casa. Não só porque o marido foi presidente do Ribalta, mas por ter sido, ela própria, parte integrante de algumas peças que por ali passaram. “Comecei por ser ponto, mas depois surgiu a necessidade de assumir um papel na peça *A Gata* e lá comecei a representar”, recorda a actriz amadora, que teve a oportunidade de se cruzar, naquela sala, com Eunice Muñoz.

Actualmente, o Teatro da Vista Alegre é gerido pela Câmara Municipal de Ílhavo, através do seu projecto cultural, 23 Milhas, mas continua a reservar lugar de destaque à colectividade descendente do antigo grupo cénico dos trabalhadores da fábrica. “Começou por ser apenas com trabalhadores da fábrica, mas depois passou a integrar pessoas que não trabalham na Vista Alegre. Ainda assim, toda a gente tem alguma ligação à fábrica ou ao lugar”, explica o vice-presidente do Ribalta, grupo que já tem o seu próprio festival de teatro (Festival João Almeida) e uma escola com 25 alunos.

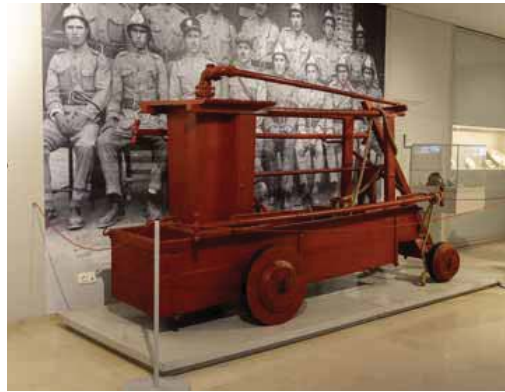




“Eu vivi naquela casa de madeira que está junto à água mais de 50 anos. Até dava para apanhar robalos da cama”, conta Fernando Rocha, sentado no chamado cantinho dos reformados

João Machado, trabalhador na Vista Alegre há 46 anos, preside ao corpo de bombeiros e ao clube de futebol, o Talé

Em baixo, Berta da Rocha Antunes, que viu plantar a bela-sombra da Vista Alegre, junto à qual foi fotografada



Um corpo de bombeiros e um clube futebol

Por mais breve que seja o passeio no bairro operário, dá para ficar com uma ideia da vida que aquele recanto do município de Ílhavo já teve. Creche e Refeitório são alguns dos letreiros que ajudam a contar a história daquele núcleo de edifícios que ladeiam a fábrica e o museu - e onde, a partir de 2015, passou a morar também um hotel de cinco estrelas. Não é por acaso que aquele bairro já foi considerado um espaço único. Nada parecia faltar ali, nem mesmo um corpo de bombeiros privativo e um clube de futebol.

Falamos dos dois de uma assentada só porque, actualmente, o homem que os dirige é o mesmo. João Machado, trabalhador na fábrica há 46 anos, tem sob a sua responsabilidade o comando dos bombeiros da fábrica e também assume a presidência

Sporting Clube da Vista Alegre. Acreditada que é uma questão de ADN, uma vez que o pai também foi bombeiro e presidente do clube.

Começamos por centrar atenções na corporação de bombeiros, atendendo a que João Machado faz questão de nos mostrar uma relíquia que está em exposição no Museu da Vista Alegre. Trata-se de uma bomba de combate a incêndios, cujos primeiros modelos foram produzidos em Londres, em 1731, e que constituiu a primeira bomba de combate a incêndios de Nova Iorque. Aquele exemplar foi adquirido em 1880 para os bombeiros da fábrica de porcelana, ajudando a comprovar a antiguidade daquele que é o “corpo privativo mais antigo do país”.

Actualmente, conta apenas com 13 elementos e, apesar de já não ter de atender a tantas solicitações como noutros tempos - os métodos e linhas de produção evoluíram, mitigando

os riscos -, tem “toda uma tradição para manter”. “Somos nós que fazemos a guarda de honra da procissão e do hastear da bandeira, no dia da festa [Nossa Senhora da Penha de França]”, destaca o comandante que, aos 64 anos, está prestes a passar à reforma. “Vai doer um pouco, mas vou para o cantinho dos reformados ouvir umas histórias”, relata o homem que também tem umas coisas para contar. “Lembro-me de um dia em que o Presidente da República Jorge Sampaio veio à fábrica e depois de ele sair eclodiu um incêndio. Foi complicado, tivemos de recorrer aos bombeiros de Aveiro, Ílhavo e Vagos”, testemunha.

Menos dada a incidentes tem sido a vida do Sporting Clube da Vista Alegre, cuja equipa de futebol é atentamente seguida pela claque Ultra-Porcelana. A colectividade acaba de comemorar 72 anos de existência e tem dado especial atenção à forma-

guia

Museu da Vista Alegre
Espaço dedicado à história da fábrica, à evolução estética da produção de porcelana e a sua importância na sociedade portuguesa nos séculos XIX e XX, através de um dos mais completos espólios museológicos do género, que conta com mais de 30.000 peças. Bilhetes a partir de 3€.

Capela da Vista Alegre
É um dos principais pontos de interesse do conjunto arquitectónico da Vista Alegre. Foi mandada edificar em finais do século XVII pelo Bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel. Bilhetes a partir de 0,75€.

Montebelo Vista Alegre Ilhavo Hotel

Lugar da Vista Alegre, Ílhavo
Tel.: 234 241 630
Website: <https://montebelohotels.com/pt/home>
Preços: A partir de 130€

ção, onde já conta com 258 atletas, só no futebol. “Também temos uma secção de karaté, já com cerca de 100 atletas e uma campeã”, evidencia o presidente da colectividade, cujos estatutos foram aprovados pela própria empresa. “Alterar esses estatutos era acabar com o ADN do clube e correr um risco muito grande, pois poderiam vir para aqui pessoas a quem a Vista Alegre não diz nada”, defende João Machado.

De visita ao campo de jogos, temos a oportunidade de assistir a um treino e conhecer um dos atletas que está há mais tempo no clube. Miguel Grave tem 15 anos e joga no Vista Alegre há 11 anos. É capitão na equipa de juvenis e, se a vida o permitir, quer chegar aos seniores. “Gosto da união e da forma como os atletas aqui são recebidos”, conta-nos o jovem cujo sonho maior passaria por jogar no Benfica ou, a nível europeu, no Real Madrid. Para já, mantém-se focado no Vista Alegre. “Talé” para os locais. “Não sabemos muito bem de onde vem o nome”, refere o presidente do clube que tem como mascote o *Talexinho*. O importante é não deixar cair a tradição, especialmente quando se tem a responsabilidade de fazer chegar às gerações vindouras uma história e vivência com 200 anos.

ID: 110360422

30-03-2024 | FUGAS

Ílhavo
Um passeio
na Vista Alegre, do teatro
ao campo de futebol